Marcos Dorian Sá

A ORDEM
BENEDICTUS SANCTUS



Copyright © 2011 by Marcos Dorian Sá

Capa MONIQUE PESTANA
Revisão JOÃO XAVIER
Produção editorial EQUIPE EDITORA AGATHA
Projeto Gráfico e Composição MONIQUE PESTANA

Dados Registro Biblioteca Nacional

Sá, Marcos Dorian
A Ordem - Benedictus Sanctus. Marcos Dorian Sá. Salvador, BA
Editora Agatha, 2014.

Romance Policial
516534

2015
Impresso no Brasil
Direitos cedidos para Editora Agatha
www.editoraagatha.com.br

"Cada alma é por si só uma sociedade secreta."
Marcel Jouhandeau

"Nós temos a religião suficiente para nos odiarmos, mas não a que baste para nos amarmos uns aos outros."
Jonathan Swift

I - PAPAI... NÃO.

Milena estava sozinha em casa. Precisava comer alguma coisa e foi direto pra cozinha. Assim que se aproximou da geladeira, ouviu, levemente, o seu celular vibrar. Aquilo chamou a sua atenção e a fez correr até o aparelho. Viu, no visor, o nome do seu pai estampado. Achou estranha a ligação e acionou a conexão.

- Pai..? – ela atendeu o celular.

- Filha, anote este número com cuidado. – disse o pai, do outro lado da linha, com uma vez muito afoita.

- O que está acontecendo..?

- Minha filha, apenas anote esses números e esconda este papel.

- Espera, vou pegar um papel... – ela fora interrompida por um grito do seu pai.

- RÁPIDO. – ela, em um segundo, já estava com os equipamentos em mãos.

- Pai, você parece muito perturbado, o que está acontecendo?

- 131718. Entendeu? – Milena estava atordoada. A voz do seu pai estava muito diferente, como se ele tivesse acabado de acordar. Parecia sonolento.

- Sim, entendi. Mas, pai o que... – fora interrompida pelo final da ligação.

Milena ficara olhando para o celular, ainda não entendendo nada do que estava acontecendo. Por que o seu pai havia ligado, e por que ela deveria copiar aqueles números, o que eles deveriam significar? A garota não tinha nenhuma resposta para aquelas perguntas, mas conhecia o seu pai e sabia que não poderia ser nada de ruim, ele nunca a decepcionara e nunca deixara nada que lhe prejudicasse acontecer, não seria, agora, a primeira vez.

A garota guardou o celular na bolsa, não conseguiu mais comer. Pegou a sua bolsa e subiu para o seu quarto. Ela morava com o seu pai e,

todos os dias, Maria, uma moça que conhecia a família há bastante tempo, ia à sua casa para fazer a limpeza. Ana, a mãe da Milena, havia morrido quando a menina tinha doze anos. A mulher viajou para o interior, a fim de realizar uma pesquisa, mas não chegou à cidade viva. Até hoje, Milena não sabe o que aconteceu, de verdade, com a sua mãe, e agora estava com medo, pois também não sabia o que estava acontecendo ao seu pai.

Ao chegar ao seu quarto, Milena jogou a bolsa em cima da cama. A bolsa bateu com força jogando o seu celular contra a parede, isto fez um barulho que a garota odiava, porque o aparelho batera, exatamente, na parte da sua parede que era oca. A menina sempre pedira para o pai consertar, mas ele nunca tinha tempo para verificar o que era aquilo. Ela, já injuriada, correu para o computador e entrou num bate-papo onde se encontrava, normalmente, com os seus amigos. Ela estava cansada, acabara de chegar da escola e recebera esse telefonema que não conseguia descrever. Alguns dos seus amigos estavam on-line, mas ela não encontrou quem desejava.

Estava apaixonada por um garoto da sua sala; um novato, chamado Jean. Toda vez que chegava à escola, prendia a sua atenção no garoto. Às vezes, ele percebia e tentava fingir que não estava encabulado, mas nunca conseguia ser convincente. Uma característica que ela, ainda, não tinha percebido era o fato de ele ser muito tímido. O computador já não estava mais interessante, ela se levantou da cadeira, e se jogou na sua cama, pois nada mais importava, apenas lembrava que estava muito cansada naquele momento e que precisava dormir. Fechou os olhos e já não controlava mais seu corpo nem mente.

O despertador tocou, aquele som vinha do fundo do seu sonho, mas a forçava a acordar. Mesmo que não quisesse, o barulho se tornava cada vez mais insuportável. Seu quarto estava escuro. Ela pensava que era noite ou alguma coisa muito estranha estava acontecendo. A garota levantou, vestiu seu casaco fino que estava sobre a cadeira e abriu a cortina para verificar a rua. Estava tudo escuro, era noite.

Milena estava saindo do seu quarto em direção à escada. Parou

repentinamente, se lembrou do telefonema e, na mesma hora, mudou o percurso, correra na direção do quarto do seu pai, abrira a porta com tudo e, para a sua decepção, ele não estava lá. Ela ficou parada, esperando, como se alguma coisa fosse acontecer, alguma explicação fosse surgir do nada, mas tudo ficou igual ao que estava.

Saiu do quarto do pai, fora em direção à cozinha, precisava comer algo, estava faminta. Nicole, a sua amiga, tinha marcado de passar na sua casa para revisar um assunto da prova que aconteceria no outro dia. Olhou para o relógio e viu que, a qualquer hora, a garota chegaria. Desceu as escadas e foi preparar alguma coisa.

Alguns minutos depois, a campainha estava tocando. Milena fora abrir, já sabendo que só poderia ser a sua amiga. Abriu a porta. Nicole estava parada, com alguns livros na mão, uma bolsa enorme na outra e os óculos na boca. Fez uma cara feliz e entrou. A dona da casa, ainda na porta, acenou para os pais da outra, que estavam dentro do carro, esperando que a filha entrasse a salvo.

As duas se abraçaram. Foram para a cozinha.

- Que cara é essa? – Nicole perguntou à amiga.

- Estava dormindo. – respondeu.

- Até agora? Amiga, você está perdendo tempo. O seu paquera – ela sorriu, enquanto simbollizava as aspas, para a outra. - estava no shopping com os meninos. – ela sorriu e abaixou a cabeça, procurando algo dentro da bolsa.

- O que eles estavam fazendo? – ela se interessou mais pelo assunto e sentou ao lado da amiga.

- Não sei. Eu estava com minha mãe, no shopping, e os vimos. – ela sorriu, achou uma tesoura e começou a cortar uns papeis.

- E o que eles estavam fazendo? – ela estava ansiosa.

- Não sei, meu amor. Eles estavam conversando. Cadê o seu pai? – Nicole ficou olhando para a sala.

- Ele ainda não chegou. – a garota segurou os braços da amiga. – Me diz. Você ouviu alguma coisa da conversa deles? – agora as duas estavam se olhando.

- Não, Milena. Eles estavam lá, eu passei com a minha mãe e os

vi, acabou. – voltou a cortar os papeis.

- Muito Obrigada.

- Por quê?

- Por nada. Por não ter me ajudado em nada. – Milena havia enfezado a sua cara.

As duas se olharam. Nicole fez uma pequena careta para a amiga. As duas sorriram.

Milena pegou os livros e começou a analisar, ainda comendo uma fatia de bolo, algumas páginas deles.

Estudaram por algum tempo. Ficaram, uma boa parte da noite, respondendo exercícios propostos. Quando se sentiram prontas, decidiram parar. Os pais da Nicole vieram buscá-la e as duas se despediram. Milena subiu para o seu quarto, colocou uma música no som e dormiu novamente.

Milena acordou mais uma vez com o toque do despertador, levantou da cama, ainda sem pensar em nada, foi em direção ao seu banheiro, se despiu e entrou para tomar seu banho. Assim que terminou, ainda de toalhas, ficou tentando encontrar uma calça bacana para ir ao colégio, algo que a deixasse confortável. Esta prova era muito esperada, uma prova que poderia ser a sua salvação, ou a sua destruição. Estudou muito para ela e precisava se sair bem. As duas amigas odiavam aquela disciplina, Milena tinha uma grande queda por matemática, sempre se saía bem quando o assunto era número. Pensava até em se tornar perita em algo para trabalhar com a polícia... Tudo por causa dos filmes. William, seu pai, certa vez, pagara um curso muito caro, para que ela desenvolvesse as suas virtudes numéricas.

Arrumou-se, saiu do seu quarto, olhou para o quarto de seu pai, que estava com a porta fechada, decidiu que não deveria ir incomodá-lo, e andou pelo corredor até chegar à escada. Devia ter chegado tarde do trabalho e ainda estava dormindo. Foi até a cozinha, pois precisava comer alguma coisa para não se sentir mal durante a prova.

A prova tinha perturbado muito o seu sono, há dias e mais dias

que não conseguia dormir direito, ficava cansada, só pensando nela. Tinha a certeza que sabia tudo o que poderia cair nas questões, mas ainda tinha o problema do psicológico, essa prova iria dizer se ela seguia adiante, ou não. Se fosse reprovada, adeus viagem de fim de ano, se não viajasse, adeus sonho de tentar se aproximar do Jean.

Acabou de comer e, quase na mesma hora, ouviu a buzina do carro dos pais da Nicole. Sempre iam juntas à escola. Saiu, olhou para a casa, sentiu uma coisa estranha, bateu os ombros e decidiu seguir. Entrou no carro e deu como próxima parada: a decisão na escola.

As garotas chegaram ao colégio. No pátio, muita gente estudando, ou tentando se iludir de que ia conseguir passar, por estarem se matando há dois dias. Um grupo tocando violão, outros cantando. Eram aquelas pessoas que, realmente, não queriam nada com a vida, não tinham visto o livro uma vez sequer. Elas continuaram andando, estavam chegando à entrada e o medo no coração das duas estava cada vez maior. Pela primeira vez, perceberam que estavam dividindo a escola, unicamente, com as pessoas que não haviam passado de ano.

O corredor do colégio nunca parecera tão amedrontador, as portas pareciam querer engoli-las, as salas estavam vazias, o corredor sem nenhum barulho, parecia que elas eram as primeiras a entrar. Nicole estava gelada. O professor Dellacroix, um ex-padre tradicionalista francês, nunca gostara de alunos preguiçosos e sempre dissera em bom som que seus alunos passariam quando merecessem.

A matéria de Religião nunca fora levada tão a sério. Ele costumava chamar as duas amigas de hereges, pois, mesmo sabendo que ele era um homem religioso, tentavam abortá-lo dos seus dogmas e conquistá-lo. O homem era muito sábio, era bonito com os seus cabelos quase brancos, seus olhos azuis, e o que mais chamava a atenção das garotas era a sua idade, os seus quarenta anos transpiravam inteligência. Sua religião era incontestável. A fé católica o fervia. Ele se chama de "Homem de Deus". Não aceitava os pecados que as meninas carregavam. Elas odiavam-no, mas, ainda assim, o levavam no dichote.

Nicole chegou à porta da sala. Tudo estava escuro, ela abriu a porta completamente, bem devagar, colocou a mão pra dentro e acendeu as luzes da sala. O seu medo não estava correto desta vez, o professor não estava ali a sua espera. Milena entrou e ficou olhando. A sala do Dellacroix era, realmente, assombrosa, cheia de imagens de santos, umas feições tristes, chorosas, uns quadros pintados de uma forma hedionda, umas cruzes penduradas em todos os cantos. Milena estava morrendo de medo, não se sentia bem em ficar ali, mas sabia que se fizesse algum comentário sobre o que estava pensando, perderia a sua chance de passar.

Só havia as duas na sala, queriam aproveitar aquele momento para estudar. Pra falar a verdade, as duas queriam ser surpreendidas, pelo professor, estudando.

Algum tempo se passou e elas continuaram se deparando com todo aquele aparato religioso ali presente. Estavam, praticamente, em estado de choque, com as imagens que estavam vendo na sala. Milena tentava não transparecer, mas estava morrendo de medo de ficar ali sozinha, mas Nicole a havia convencido de que o plano de surpreender o professor daria certo. Ela ficou.

A sala estava silenciosa, ouviam-se alguns sons de passos no corredor, mas, por incrível que pareça, ninguém estava interessado na prova, pois faltavam apenas cinco minutos para o horário marcado e ninguém aparecera. Cada minuto que passava era precioso para elas, precisavam terminar o quanto antes essa prova, para terem uma idéia do que iria acontecer. Elas tinham se esforçado, mas sabiam que o professor não facilitaria.

O silêncio da sala ainda perturbava Milena, que decidira levantar, pela primeira vez em algum tempo, os seus olhos para encarar a realidade do local. Ficou passando seus olhos em todos os quadros e imagens que estavam por perto, parou o olhar em um quadro interessante, um quadro do Caravaggio que mostrava Isaac sendo sacrificado por Abraão. Ficou intrigada com aquela coisa, sentiu medo, calafrio, não podia ser possível que isso tivesse alguma coisa a ver com o Deus que a igreja tanto pregava, e que ela sabia que não existia.

Ainda em silêncio, as meninas foram, bizarramente, assustadas

por um barulho dilacerante, que se fazia nas costas delas. As duas viraram, na mesma hora, para olhar o que estava acontecendo e viram que um quadro estava no chão e o seu vidro, que o protegia, despedaçara. Uma olhou para a outra com o maior desespero do mundo nos olhos, pois sabiam que a culpa, com toda a certeza, se voltaria para elas. Levantaram, juntaram suas coisas com toda a velocidade possível e foram em direção à porta, mas quando chegaram perto de sair, se bateram de frente com o professor. Milena e Nicole gritaram e deixaram todos os livros cairem no chão.

- Bom dia, minhas queridas alunas, por que o susto? – perguntou Antonie Dellacroix, o esperado professor de Teologia, com a sua voz quase sussurrante e que causava reviravoltas no estômago das adolescentes. As meninas ficaram assustadas, catando as suas coisas do chão. O seu sotaque francês ainda deixava as suas marcas.

- Desculpa professor, mas ... – Nicole hesitara em contar e fora interrompida pela sua amiga.

- Estávamos aqui estudando e aquele quadro ali atrás caiu no chão. A gente se assustou e estava saindo daqui, quando nos batemos com o senhor.

Antonie olhou para a sala, com uma cara de incredulidade, e as meninas perceberam que as coisas não iam ficar boas.

- O menino Jesus. O que vocês fizeram com o meu quadro? Meu Deus, mais uma perda em menos de uma semana... A Igreja não vai suportar contra toda essa blasfêmia. – ele estava indo em direção ao quadro.

- Não fizemos nada, senhor, estávamos aqui estudando, juro. Ele caiu sozinho. – Nicole emudeceu quando o professor virou para elas.

- Estudando...? Você está me dizendo que as minhas coisas andam sozinhas?

- Não, senhor. Não estou dizendo isso. De hipótese alguma. - ela estava muito assustada.

- Vocês quebraram o meu mais precioso quadro. Suas hereges. Olha o que vocês fizeram. Quem permitiu que entrassem, na minha sala,

sem a minha presença? – ele estava irritado e nessas horas, o seu sotaque francês ficava ainda mais pesado.

- Mas, senhor, não fizemos isso. – Nicole disse. Mas o professor já estava vindo na direção delas.

- Você ainda está falando? – ele já estava cara a cara com a menina, pegou em seu braço e se surpreendeu quando viu Milena segurá-lo pelo braço livre.

- Você não está ouvindo ela dizer que não fomos nós? – ela estava séria. Não parecia aquela que, há pouco, estava com medo de ser reprovada.

- O que você pensa que está fazendo, garota? – os olhos do professor mostravam a descrença.

- Estou pedindo que você solte ela, se você não quiser ir para a cadeia. Seu maníaco. – a garota continuou encarando-o.

Quando Milena disse isso, Antonie largou a outra e partiu para cima dela, que foi salva pela baderna dos alunos entrando na sala, fazendo algazarra e gritando. Pararam quando viram que havia mais gente ali e que uma dessas pessoas era o professor. Na mesma hora, todos, que entraram, se calaram e ficaram atentos ao que estava acontecendo, mesmo sem entender.

O professor soltou o braço de Milena e se dirigiu à sua mesa. Ela foi à direção da amiga, verificou se tudo estava bem. Nicole, por sua vez, estava com muito medo. Depois de confirmado, sentaram nas suas cadeiras. Antonie estava com o quadro na sua mão, ainda não acreditava no que tinha acontecido. Ele virou para os alunos. Olhou para todos, um por um.

- Espero que não estejam preparados para a prova. – deu um sorriso de canto de boca. Não houve resposta. Até mesmo os mais baderneiros ficaram quietos naquele instante.

A prova já tinha sido entregue, todos os alunos estavam começando a folheá-la. Quando Milena abriu a sua, ouviu o barulho da porta da sala abrindo, levantou a cabeça e reconheceu a secretária

do coordenador. Ela era uma loura alta, bem vestida, com cabelos bem cacheados, um rosto um pouco envelhecido para a sua idade, mas uma ótima profissional. Aproximou-se do professor e falou ao seu ouvido. Antonie parecia não ter entendido o recado, ela se aproximou mais, o que causou uns sorrisos sarcásticos na turma, e repetiu. Ele abriu os olhos em sinal de entendimento. O homem parecia estar em choque. Voltou a sua expressão normal (e fria) e olhou para Milena que se assustou e voltou seus olhos para a prova. Ela o tinha enfrentado, mas nem ela sabia como, só sabia que isso tinha lhe custado mais um ano estudando com aquele homem terrível.

- Senhorita Milena, acompanhe-a. O diretor quer te ver. – apontou para fora da sala.

A menina, sem entender, se levantou, e foi acompanhando a secretária.

No caminho, Milena foi se perguntando o que era tão importante a ponto de fazê-la sair de uma prova tão séria como aquela. Ainda mais sabendo que o diretor conhecia as intrigas entre ela e o professor. Estava achando tudo muito estranho e tinha medo do que lhe poderia ser revelado agora. A secretária pediu que ela esperasse numa salinha. Milena se sentou no sofá e ficou esperando por alguns minutos.

- Milena? – a voz da secretária soou depois de um longo tempo em silêncio. – Pode entrar. – mostrou a entrada da sala para a menina que se levantou e entrou.

- Milena, como você está? – perguntou o diretor que se levantou da cadeira e foi acomodá-la. Ao lado dele estava, de pé, o coordenador. O diretor era um homem negro, alto, forte, deveria ter seus quarenta e cinco anos, muito inteligente e respeitado na escola.

- O que aconteceu, senhor? Estou fazendo uma prova e não tenho muito tempo para fazê-la. – disse Milena estranhando.

- Milena, você não vai poder voltar a fazer a prova. – disse o diretor voltando à sua cadeira.

- Como assim... não estou entendendo.

- Temos uma coisa para te dizer. Não é nada bom. – o coordenador falou.

- O que é? O que aconteceu? – ela estava impaciente.

- É o seu pai. – disse o coordenador.

- Meu pai? O que tem o meu pai? – perguntou Milena.

- Sente-se aqui. – o diretor puxou uma cadeira para a garota, o que a deixou ainda mais tensa. - Seu pai... foi encontrado morto. – o diretor disse pra ela. Milena se levantou, em estado de choque.

- Meu pai... morto? Isso está errado... isso está errado. Vocês estão loucos. – ela estava desesperada, quase chorando.

- Sim, nós vamos pegar suas coisas na sala e vamos te levar em casa.

- Eu quero ver o meu pai, por favor, deixa eu ver o meu pai. – ela estava chorando muito. Não acreditava naquilo, era impossível. Havia deixado o seu pai dormindo em casa. Ela pensava.

(...)

A secretária bateu na porta da sala mais uma vez. Antonie permitiu a sua entrada. Ela explicou o que tinha acontecido para o professor, que se espantou, e permitiu que a secretária tirasse as coisas da aluna. Nicole perguntou o que estava acontecendo. O professor ordenou que ela voltasse a sua atenção à prova.

(...)

Milena ainda estava sentada na sala do diretor, perplexa, pois não acreditava no que tinha ouvido. Não era possível, tinha falado com o seu pai na tarde anterior, era impossível que ele estivesse morto. A garota estava em estado de choque. Obviamente, ela esperava ver para crer. Seu pai, um homem tão jovem, brilhante, não podia ter morrido. De uma coisa ela tinha certeza, se fosse verdade, ela ia sofrer bastante.

A secretária invadiu a sala e olhou para a garota que estava sentada

no sofá da recepção. Consentiu com o seu rosto que ela estava acabada. Abriu a porta do diretor e falou que já estava tudo pronto, as coisas já estavam com ela e o carro já estava pronto para levá-los. Primeiro, iam ao hospital, depois iam para a casa dela. O diretor estava, nesse tempo, tentando localizar algum parente próximo da garota. A única pessoa com quem tinha conseguido manter o contato fora o irmão do seu pai. Tio Gabriel.

O coordenador saiu da sala e foi sentar no mesmo sofá que ela. Passou a mão em seus cabelos, olhou em seus olhos e ficou tentando adivinhar o que estava passando na cabeça da garota. Foi tudo muito rápido, recebera a notícia da recuperação, estava se preparando para a prova, quando estava apta a fazê-la, recebia a notícia de que seu pai fora encontrado morto, e o pior, não sabia aonde e nem o motivo da morte.

- Tobias, preciso que você fique aqui. Eu a levo e você fica tomando conta das coisas. Ok? – perguntou o diretor que estava saindo da sua sala e colocando o seu terno.

- Claro, tudo bem. Não se preocupe. Ainda volta? – retrucou o coordenador.

- Não sei muito bem. Tenho umas coisas pra resolver. Antes de qualquer coisa, tenho que deixar toda essa situação o mais fácil possível para a Milena. – ele olhou para a garota, sentiu pena dela e raiva de si mesmo pelo sentimento.

- Espero que você fique bem. Gostamos muito de você e sabemos o quanto você ama o seu pai. – disse Tobias que estava levantando e se despedindo deles.

Tobias era um homem bom, sabia lidar com os adolescentes. Antes, ele era o professor de redação da escola, mas então fora promovido a ser o coordenador e deixara de lado as aulas que ministrava. Um homem baixo, um pouco careca, experiente e simpático.

Todos se despediram e Milena seguiu o caminho com o diretor. Estavam indo para o corredor central, quando se bateram, de frente, com o professor Antonie. Os olhares entre os dois surgiram como

uma arma, ele não entendia muito bem o que estava acontecendo e ela parecia ver em seus olhos a felicidade de presenciar o seu sofrimento. Ela entendia aquele momento como uma vitória para ele. Mas nada na sua cabeça funcionava direito, a garota não deu ouvidos ao que se passava na sua mente. Estava preocupada demais com coisas mais sérias naquele momento.

- Professor. – o diretor o cumprimentou.
- Senhor diretor. – ele respondeu e passou direto.

Milena ainda olhou pra trás e viu que o professor a olhava de uma forma estranha. Os seus olhos brilhavam como nunca brilharam antes. Ela pensou: "será que ele é, realmente, capaz de ficar feliz com isso? Esse homem é um crápula doentio".

Ambos seguiram caminhando. A porta de saída do colégio nunca fora tão pesada na vida da estudante. Pela primeira vez, ela não desejava sair dali, sonhou por muito tempo que algo acontecesse e que ela não precisasse fazer a prova, mas agora sua única vontade era de que acordasse de um pesadelo e voltasse ao seu dia normal. Se antes, estava se sentindo pressionada por causa da prova, agora, aquela pressão não dizia mais nada.

O carro estava parado em frente ao portão principal da escola, Milena parou quando viu um pequeno carro sedan preto, algo que lembrava funerárias. Ficou com medo de entrar. Assistia a muitos filmes em que via alunos serem seqüestrados, na porta da escola, por carros daquele jeito. Parecia que o seu pai tinha acabado de morrer, e ela nem sabia, ao certo, o que tinha acontecido. Ficara pensando se alguém queria algum mal à sua família. Como ela teria a certeza de em quem poderia confiar. Hesitou um pouco, mas o diretor conseguiu convencê-la de que era melhor entrar.

A viagem toda fora feita em silêncio. Nenhuma palavra, sobre nada. A garota estava olhando pela janela, deixando tudo passar, filmando todas as cenas possíveis. Lembrando dos momentos em que o seu pai a levava para passear, quando era pequena, o primeiro cachorro que lhe

dera. Todas essas coisas ficam presas nos pensamentos de quem acabou de perder algum ente querido.

Alguns minutos depois, chegaram ao hospital. Roberto, o diretor, saiu do carro e foi abrir a porta para que a menina pudesse sair também. Os dois foram para o prédio. Entraram. Roberto pediu que Milena esperasse um pouco e mostrou a ela o sofá da recepção geral. A garota foi se sentar enquanto o diretor voltava à recepção e tentava achar o médico responsável pela notícia. A recepcionista pediu que ele aguardasse um pouco, pegou um telefone e acionou algum ramal. Na mesma hora, a sua voz perpassava por todo o hospital: "Doutor Herbert, por favor, compareça à recepção." – ela repetiu mais umas duas vezes. Olhou para o diretor e pediu que ele aguardasse mais um pouco. O homem foi se sentar perto da aluna.

Milena ainda tinha a esperança de que fosse tudo um engano. Ela queria ver e constatar que não era do seu pai que estavam falando. Por isso, ainda não estava tão desesperada quanto deveria estar. A esperança, ainda, lhe dava forças.

Ficaram uns cinco minutos esperando e, então, viram um médico, jovem, se aproximar da recepção, com o jaleco, no ombro, o que dava a entender que já estava de saída. A recepcionista apontou na direção do diretor, o médico olhou e Roberto entendeu o que isso significava, levantou e foi na direção dele, enquanto Milena só o ficou olhando.

- Bom dia, doutor. – o diretor o cumprimentou.

- Bom dia, senhor...

- Carvalho. Roberto Carvalho. – complementou.

- No que posso ajudá-lo? – perguntou o médico.

- Eu estou com a filha do Vidal... O do telefonema à escola.

- Desculpa, mas...

- O arqueólogo que fora encontrado morto na noite passada. – Roberto olhava pra trás pra ter a certeza de que a menina não ouvia a conversa e o adjetivo "morto".

- Ah sim. Desculpa, senhor. Eu estive, esta noite toda, de plantão. Muitas coisas aconteceram.

- Aquela garota, ali sentada, é a filha dele. – ele apontou para

Milena que ainda estava encarando.

- Tudo bem. Acompanhem-me. Vou levar vocês ao setor onde se encontra o corpo, para que ela reconheça. Mas ela não é menor de idade? – perguntou o médico.

- Sim, por isso que eu vim com ela. O único parente que conseguimos localizar está viajando. – explicou.

- Tudo bem. Vamos lá. – Roberto acenou para Milena a fim de chamá-la.

Os três foram em direção ao setor de necrotério. William era formado em história, mas tinha vários cursos. Há muito tempo, tinha se tornado um grande arqueólogo, bem conceituado, muito procurado. Já tinha descoberto muitas coisas importantes, artefatos históricos. Uma empresa sempre o contratava. O homem viajava bastante, mas sempre que estava em casa, ficava com a sua filha, procurava, ao máximo, proporcioná-la melhores momentos.

Pegaram o elevador, foram para o terceiro andar subsolo. Milena sentiu ondas de calafrio ao chegarem. Havia um corredor, bem iluminado, mas como todo necrotério, com sinais de morte. Ia ser a primeira vez que a garota ia ter um contato direto com os mortos. Quando a sua mãe morreu, ela era apenas uma criança, não se lembrava muito bem, até mesmo por que o seu cérebro decidira abdicar das lembranças. As imagens sobre a sua mãe eram muito vagas na sua memória.

- Vou deixar vocês aqui na recepção. Eduardo vai acompanhá-los agora. Tudo bem? – o médico quis o consentimento dos dois, precisava muito ir pra casa, tinha passado uma noite terrível dentro do hospital.

- Está certo, doutor, muito obrigado pela sua ajuda. – cumprimentaram-se e o médico se fora.

- Você está, realmente, pronta para isso, minha querida? – perguntou o diretor à garota.

- Não. Em momento algum eu disse que estava. – ela estava pálida, parecia que não havia sangue no seu corpo.

- Quer que voltemos? Eu tento conseguir um jeito de reconhecê-lo.

- Não. Eu quero ter a certeza que é o meu pai. Se eu não o vir, vou viver na esperança de que as pessoas erraram.

- Você pode vê-lo no velório.

- Eu não quero. Não se preocupe, diretor. Não vou causar nenhum problema.

Eduardo acabara de se aproximar. Era um homem de meia idade, aparentava ter seus cinqüenta anos, negro, com a velha ironia marcada no rosto de quem trabalha com a morte. Ele se apresentou, vestia um jaleco branco, um pouco surrado, não que o hospital não lhe fornecesse novos, mas ele preferia manter o vestuário adequado para os seus "clientes" (como ele costumava chamar).

- Posso levar vocês até o quarto? – perguntou ele. Uma voz sombria, grave, macabra.

- Claro que sim. – disse Milena. Roberto olhou para ela e percebeu que, realmente, era isso que ela queria.

- Me sigam, por favor. Mas cuidado com o que vão ver. Correm o risco de gostar. – Eduardo terminou o caminho rindo, sozinho, da sua própria piada.

Chegaram à porta de número treze e pararam. Era aquela sala. Quando entrassem, veriam o corpo do pai da Milena, deitado, sem poder fazer nada. O diretor sabia que a garota não iria agüentar, é muita barra para uma adolescente. Ainda mais quando já se perdeu a mãe e a única coisa que lhe restava, agora, também tinha ido embora.

Eduardo abriu a porta, entrou, e pediu que eles entrassem também. Milena foi entrando, parecia se arrastar, não queria ver o que iria ver. Mas ainda assim, estava convicta de que era a melhor coisa a se fazer. Chegaram ao meio da sala, algumas macas vazias, outras com uns corpos cobertos por um pano branco. Era de arrepiar, só em saber que havia gente morta ali dentro. Era como estar trancado num refrigerador com defuntos.

A sala era branca, lembrava um banheiro. Havia azulejos brancos na parede, o chão branco, um pouco sujo, as lâmpadas fluorescentes, que

iluminavam com uma cor, também, branca. Tudo era muito alvo, a não ser pelas manchas de sangue nas cobertas que estavam sobre os mortos. Uma música de fundo tocava através de um radinho que estava em cima da mesa de instrumentos cirúrgicos utilizados por Eduardo para abrir os corpos.

Milena estava enjoada, sentia uma breve vontade de vomitar, mas ainda estava forte, precisava ver o seu pai. Eduardo estava com um bloco na mão, vendo em que gaveta se encontrava o corpo do arqueólogo. Perguntou o nome para confirmar e, depois que Roberto o fez, ele deu um sorriso, olhou para a garota, abriu bastante os olhos e foi na gaveta de número 17.

Abriu, e de lá saiu um saco preto, eles ainda não haviam começado a investigação para a descoberta da causa da morte, pois ninguém tinha ido reconhecer o corpo. Esta era a última etapa para o começo da pesquisa. A gaveta estava aberta, o saco preto estava exposto. Milena fechou os olhos, respirou fundo e encontrou força onde não mais havia, Deu uns passos e foi barrada pelo diretor.

- Você tem certeza disso? – ele insistiu na pergunta. Ela olhou para ele, não respondeu, retirou seu braço e foi na direção da gaveta.

Ficou uns segundos olhando pelo saco. Estava decidindo se abriria ou não. Mas sabia que a melhor coisa a fazer era acabar logo com essa dúvida.

- Pode abrir o saco. – ela pediu para o Eduardo.

- Tudo bem. – ele estalou os dedos e começou a puxar o zíper.

O saco foi abrindo, e já dava pra ver as pernas da pessoa. Ainda não dava pra reconhecer quem estava ali. Eduardo, mais uma vez soltou uma piada, pois estava abrindo do lado errado. Fechou o que havia aberto, e começou a abrir o outro lado e, agora sim, o cabelo já estava à mostra. Milena estava começando a ficar com medo, pois a cena já começava a ficar feia. Alguns fios de cabelo estavam caindo, outros já não estavam mais na cabeça.

E para o seu maior temor, o saco estava, completamente, aberto.

Ela viu o rosto do seu pai. Transparecia uma espécie de espanto. Ela foi pra trás, começou a chorar, foi andando de costas e gritando.

- Não... Papai... Não... Não pode ser você. – na mesma hora, Roberto correu para acudir a garota. Ele tinha a certeza de que tinha feito a coisa errada.

- Calma, Milena... Calma. Eu estou aqui. Vim para te ajudar.

- Eu quero o meu pai. Não... Ele não pode ter morrido. Eu não acredito nisso. Quem poderia ter feito isso a ele.

- Não sabemos. É por isso que precisávamos que reconhecesse logo. Precisamos saber o que aconteceu. Vamos embora.

A garota se soltou do diretor e correu para o corpo do pai. Agachou-se e abraçou-o. O corpo já estava gelado, pálido. Ela estava desesperada. Eduardo estava vendo a cena e nada parecia incomum. Os comportamentos eram sempre os mesmos, os mais normais possíveis.

Roberto carregou Milena e tirou ela da sala.

Então, estava sentada numa poltrona, tomando água, soluçando, chorando e repetindo a mesma frase: "Papai... não", Milena se viu perdida. O pior ainda estava por vir. Ela deveria ser entrevistada por alguns médicos, dizer se ele tinha problemas, se tinha algum histórico de enfermidades ativas. Roberto prometeu que só a deixaria quando tudo tivesse acabado, ou se o tio dela chegasse antes.

Ele sentou e ficou fazendo carinho na cabeça da estudante.

II - A ENTREVISTA

O corpo do William estava sendo arrumado para a investigação. Milena e Roberto ainda estavam, no hospital, esperando o tempo para a entrevista. O diretor sabia que não podia fazer nada, tinha que esperar. Iria acompanhar a garota mas não podia fazer mais do que isso. O hospital não estava muito cheio, algumas pessoas estavam passando de um lado a outro, pareciam esperando alguma resposta, ou procurando por esperança em algum canto do estabelecimento.

A cabeça da garota estava a mil, pensava em tudo o que captava no ar. Fitava todos os cantos do hospital. Sua fachada verde, as paredes brancas, sem nenhuma marca, nenhuma sujeira, o chão brilhante, os marcadores nas paredes indicando aonde ir, os dois elevadores que estavam em perpendicular com o sofá no qual estavam sentados. Todos esses pequenos detalhes chamavam a atenção da menina. Algumas pessoas acreditam que quanto mais temos contato com a morte, mais o nosso mundo se abre e podemos captar coisas que, antes, não éramos capazes. Mas, em seu caso, era diferente. A única coisa que a garota não queria era se lembrar da sua vida, ou se lembrar do rosto do seu pai falecido.

Agora, era mais difícil de saber o que poderia acontecer. Quando sua mãe morreu, ela ainda tinha o seu pai, mas e agora? Quem poderia cuidar dela tão bem? O que aconteceria quando ela fosse pra faculdade? Ninguém poderia dizer ao certo, ela deveria enxergar isso com os próprios olhos, o que era mais difícil, pois estava concentrada em outras coisas no momento. O seu futuro, com certeza, não era o foco dos seus pensamentos.

O celular do Roberto começou a tocar, ele levantara, colocara a mão na cabeça da estudante, com o intuito de pedir-lhe licença, e fora atender. Ele identificou a voz, era o coordenador da escola.

- Roberto, como estão as coisas por aí? – perguntou.
- Ela identificou o corpo. Realmente, é o pai dela que está morto.
- Putz, que triste. Como ela está?

- Está em estado de choque. Chorou bastante. Está sentada no sofá, parada.

- Espero que fique tudo certo no final.

Os dois se despediram pelo celular e desligaram.

Roberto voltou ao sofá onde estava Milena, sentou e ficou olhando para a garota que estava de cabeça baixa, esperando ser chamada. O pior era que não descia mais uma lágrima dela, o diretor estava com medo do que poderia acontecer, ela estava prendendo o seu sentimento, ele não queria que isso acontecesse.

Uma enfermeira se aproximou dos dois.

- Milena Vidal? – perguntou a enfermeira. Milena levantou a cabeça para olhá-la. – Poderia me acompanhar, por favor? – ela virou as costas e continuou andando.

Milena carregou a sua mochila e levantou, sem esperar Roberto, e foi andando, seguindo a enfermeira. Roberto levantou em seguida e tentou andar rápido atrás da garota, até conseguir acompanhá-la. A enfermeira caminhou até um balcão, pegou uns papéis e continuou andando. Enquanto caminhava, ia preparando a caneta, que já estava em suas mãos e colocava os papéis em uma prancha para apoiá-los.

A garota ficou olhando para a mulher sem entender o que estava acontecendo. Continuou acompanhando. O diretor deu uns passos mais acelerados a fim de se aproximar.

- Oi, eu sou o acompanhante da Milena. – disse ele ao alcançá-la.

- Tudo bem, senhor. Peço que ela me acompanhe para a entrevista com o doutor Maia. – eles pararam diante de uma porta. Ela a abriu. A garota e o diretor entraram e a enfermeira entrou logo após.

- Eu poderei entrar com ela? – perguntou o diretor.

- Acredito que sim. – respondeu a enfermeira que, obviamente, já tinha demonstrado não querer se envolver com a situação.